

Construindo um pós-podcast? Da historicidade do podcast aos caminhos alternativos¹

Luan Correia Cunha SANTOS²
Universidade Federal do Acre, Rio Branco, AC

RESUMO

Esse ensaio se materializa a partir das inquietações observadas, manifestadas e compartilhadas durante os últimos sete anos de pesquisa sobre o que chamávamos de podcast. Resulta de um movimento de historicizar as pesquisas em pós-graduação em comunicação sobre podcast, observar como a podosfera brasileira tem se reterritorializado a partir das plataformas e suas governanças. Ergue-se também a partir das inspirações e produções de gambiarras realizadas por comunicadores populares na Amazônia Brasileira nos espaços de oficinas de comunicação comunitária, assim como, a partir dos diálogos e experiências em sala de aula, com estudantes de graduação. O que resulta desse movimento, é um pensamento crítico-criativo que tenta construir um objeto de estudo, ao mesmo tempo que traça (ainda que de forma tentativa) uma linha teórica-epistêmica diversa, capaz de refletir suas potencialidades e complexidades.

PALAVRAS-CHAVE: podcast; pós-podcast; gambiarras; plataformas.

Qual a pertinência de se pensar um conceito de pós-podcast? Partimos de uma perspectiva de que a história não é finalizada por si só. As memórias, as identidades e as histórias são inscritas e constantemente reinscritas em uma constante ação de fricção, remodelagem, (re)negociação. A história é, por vocação, um campo de tensionamentos.

Ao reconstituirmos um pouco da historicidade do conceito de “podcast” nos trabalhos de pós-graduação no Brasil (SANTOS, 2022a; 2022b), percebemos alguns pontos que nos dão pistas do caminho que propomos trilhar aqui. O primeiro deles é a evidência próxima de que o que chamamos de “podcast” em 2024, é um grande conceito guarda-chuva, que pode abrigar uma série de novas perspectivas e objetos comunicacionais, mas que, se ampliado e trabalhado sistematicamente, pode indicar confusões de definições. Isso ajuda a explicar o motivo de, porque temos tantos autores que definem podcast, e por que, podemos encontrar várias vertentes para essas definições. Certa vez (SANTOS, 2022a), definimos três caminhos possíveis (dentre vários outros) para essas definições: a) atualizações radiofônicas; b) vinculações às mídias digitais; c)

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho GT 11 Podcasting e Radiofonias Decoloniais na Amazônia Brasileira, evento integrante da programação do 21º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, realizado de 22 a 24 de maio de 2024.

² Professor do Curso de Jornalismo da UFAC, e-mail: luan.correia@ufac.br

hibridizações. É sobre esta última categoria que nos debruçamos nesta proposta pós-podcast.

Outra pista interessante que a historicidade do podcast nos convida a problematizar, são as diversas naturezas às quais a definição de podcast são encaradas ao longo do tempo e das pesquisas. Nesse sentido, ao longo dos mais de 20 anos de existência do podcast, ele já denominou um formato de distribuição, um formato de programa de rádio, uma linguagem sonora, um programa comunicacional, um episódio de um programa, uma atualização do rádio e, certamente, caso efetive sua longevidade e sua capilaridade no ecossistema comunicacional, poderá e deverá assumir outras formas.

Ao observarmos o documento que cria a palavra “podcast”, no entanto, outras pistas importantes de sua história nos são reveladas. O termo foi cunhado pelo jornalista do The Guardian, Ben Hammersley, em 12 de fevereiro de 2004, quando o mesmo se questionou sobre práticas comunicacionais que ligavam MP3 Players, softwares de edição baratos, iPods da Apple, a prática weblogging e a consolidação das conexões de internet banda-larga e mobile. Essa junção de materialidades e significados movimentava a produção de conteúdos sonoros amadores na internet, e Hammersley precisava dar um nome para esse movimento. Áudioblogging, Podcasting, GuerrilhaMedia?, questiona o jornalista em seu artigo, no segundo parágrafo.

Considero esse texto, especialmente este trecho, o que podemos chamar de “certidão de nascimento” do podcast. A prática já era anterior, o próprio autor relata o programa de Susie Bright, sexóloga, que época de publicação do artigo, já havia produzido 145 episódios de seu programa "In bed with Susie Bright" (Na cama com Susie Bight, em tradução livre). A popularidade e capilaridade do termo, foi ocorrer mais tarde, como também acontece com os seres que são batizados: primeiro o ser, depois o nome e após isso, a sua popularização. Além disso, o texto de Hammersley era também uma declaração de existência. Extremamente nichado, ao escrever para um dos veículos jornalísticos de maior credibilidade no mundo, o jornalista abriu a possibilidade para que outras pessoas tomassem conhecimento de sua existência.

No entanto, a particularidade desta Certidão não se dá naquilo que ela define, mas sim, nas possibilidades que ela anuncia, e que ao nosso julgamento, foram pouco exploradas até aqui. Podemos fazer uma série de conjecturas e problematizações sobre o motivo do termo “podcast” ter sido aquele que encontrou adesão social. Talvez pelo

próprio peso da marca Apple, ou por suas estratégias de mercado, que garantiram em uma fase seminal do podcast, a sua vitalidade e o monopólio da prática “amadora”. Fato é que, “podcast”, foi o termo que ganhou as massas. Foi um ganho paulatino, e a impressão que temos é de que, em 2023, ainda não chegamos ao teto, embora a sensação é de que este esteja perto.

Mas o que aconteceu com as potencialidades dos outros termos cunhados por Hammersley? Que caminhos o Áudioblogging tomou? Que produções de GuerrilhaMedia foram cruciais para manter viva aquela prática alternativa que fazia contraponto às transmissões tradicionais do rádio? Que caminhos essa prática comunicacional teria percorrido se, à ela, tivessem dado outro nome?

Evidentemente, agora não há como voltar atrás. Nos últimos anos, podcast já se tornou palavra do ano várias vezes, já conquistou milhares de ouvintes ao redor do mundo, já se proliferaram programas e plataformas específicas, YouTube e Spotify já travaram silenciosas e milionárias guerras para garantir a governabilidade de performances para a prática podcasting. Formatos surgiram, foram sendo renovados, recriados, reinventados e adorados. Não há como negar, podcast é a mídia do momento.

Essa popularidade toda também não é por acaso. Se começou como algo “amador”, na última década, cada vez mais o podcast tem virado tarefa de profissionais. Se em uma primeira fase, o podcast era algo feito com poucos recursos, para um público nichado, no geral, entusiasta de tecnologia, a segunda fase da podosfera está sendo dominada por práticas do mercado e por um intenso movimento de plataformação (SANTOS, 2020).

Por um momento, em nossa trajetória de pesquisa, chegamos a pensar que seria produtivo fazer um compilado das definições de podcast já concebidas por outros pesquisadores e, a partir dessa coletividade, tentar definir um conceito abrangente o suficiente para contemplar as diferenças, mas específico o bastante para delimitar o que de fato é podcast. Essa indagação chegou a nos incomodar, visto que, uma vez que um conceito denomina tudo, fica cada vez mais próximo de seu esvaziamento, e assim, não delimitar nada. Mais do que apenas um nome, queríamos pensar o conceito de “podcast” e como, a partir dele, os sentidos são evocados.

Essa inquietude partia especialmente do incômodo de ver, cada vez mais, a marca da territorialização mercadológica sobre uma prática de comunicação que surgiu da

inventividade, do confronto às regras, da busca constante em borrar as normas. Com a popularidade do podcast comercial em curso, seria ainda possível pensar tais atributos iniciais para ele? E por mais que tenhamos incentivado práticas subversivas, por mais que tenhamos notado práticas que orientam os sujeitos produtores e consumidores nesta direção, elas aparecem sempre quase que asfixiadas por um poder cada vez mais condicionante da nova fase da podosfera brasileira.

Em paralelo, discussões sobre plataformação, governanças, performances, emancipação e autonomia tem ganhado cada vez mais relevância nos estudos sobre cultura digital e, por mais que o podcast, sendo híbrido, também integre essas problemáticas, pouco se tem discutido esses temas quando o assunto é podcasting. A impressão é de que, ao garantir uma centralidade nos conceitos de podcast, as teorias do rádio e do rádio expandindo, acabaram por blindar essas discussões em torno das novas territorializações da podosfera.

Por fim, nos incomoda ainda que, alguns conceitos cronologicamente próximos, mas defasados pela rapidez de transformação das práticas podcasting, ainda sejam empregados mesmo que já não acompanhem seus objetos. Podemos ilustrar isso com os programas (chamados podcasts), que são feitos ao vivo, transmitidos pela plataforma YouTube, mas que depois são disponibilizados, com imagens, na mesma, transformados em áudio e distribuídos nos tocadores de áudio, mas que também circulam como “cortes” nas plataformas de redes sociais digitais, ou canais de "shorts" no YouTube, ou como vídeos curtos no Tik Tok. Como temos acionado conceitos para dar conta disso? Especialmente considerando que, há quatro anos, o cenário era drasticamente diferente.

Admirados devemos ser com aqueles que têm se proposto a estudar essas transformações que ainda estão em curso (intenso e rápido). Mas, diante de uma movimentação paralisante, nos questionamentos se não é hora de dar um passo para trás. Se não é hora de abrir uma outra linha narrativa para essa história. De maneira quase rizomática, se afastar um pouco da narrativa principal sobre podcast e olhar para outros caminhos possíveis. Construir outras possibilidades de inteligibilidade desta prática.

Pautados em uma metodologia antropofágica, não buscamos um retorno essencialista no tempo, ou uma destituição completa de todo o curso que a história central tem dado ao conceito de podcast. Mas, partimos dele para pensar criticamente seu ponto

de vira-volta. Tateamos uma cartografia para um momento em que as coisas poderiam ter sido outras, uma bifurcação conceitual, e ao alcançá-la, tomamos um outro caminho.

Que prática podemos encorajar nessa outra possibilidade? Que conceitos e teorias podemos obter se encararmos essas práticas comunicacionais, com base em outros critérios? A proposta é tatear nesse platô. É constituir um desenho cartográfico desse caminho, enquanto o traçamos. Mas lembrando sempre que não o fazemos sem nenhuma bagagem. Todo o percurso do podcast feito até aqui, assim como os ganhos de nossos estudos, nos acompanham na jornada e entram em contato com o fazer outro. E é esse contato que buscamos e encorajamos. Por isso, nesse sentido, não estamos olhando para práticas de “podcasting”. Tão pouco estamos olhando para práticas de “GuerrilhaMedia” ou “Audioblogging”. Nesta nossa perspectiva, estamos olhando para para uma outra coisa, a qual chamaremos de pós-podcast.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- D’ANDRÉA, Carlos. Pesquisando plataformas online: conceitos e métodos. Salvador: EDUFBA, 2020.
- DELEUZE, Gilles. Bergsionismo. São Paulo: Editora 34, 1999.
- FOUCAULT, Michel. Qu’est-ce que la critique? Critique et Aufklärung Bulletin de la société française de philosophie, Vol. 82, no2, pp.35-65. Tradução de Gabriela Latefá Borges. 1990.
- JENKINS, Henry. Cultura da Convergência. 2. Ed. São Paulo: Aleph, 2009.
- KISCHINHEVSKY, Marcelo. Rádio e mídias sociais: mediações e interações radiofônicas em plata-formas digitais de comunicação. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.
- LÉVY, Pierre. Cibercultura. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- LOPEZ, Debora Cristina. Radiojornalismo hipermidiático: tendências e perspectivas do jornalismo de rádio all news brasileiro em um contexto de convergência tecnológica. Covilhã: LabCom, 2010.
- MALDONADO, Alberto Efendy. Desafios ético-políticos no exercício da cidadania científica em comunicação. In: Intercom, Rev. Bras. Ciênc. Comun. 44 (3) • 2021.



NICOLETTI, Janara. A normatização do uso de redes sociais por jornalistas'01/11/2012
164 f. Mestrado em JORNALISMO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE
FEDERAL DE SANTA CATARINA, FLORIANÓPOLIS Biblioteca Depositária:
Biblioteca da Universidade Federal de Santa Catarina.

PRATA, Nair. Webradio: novos gêneros, novas formas de interação. Florianópolis:
Insular, 2009.

PRIMO, Alex. O aspecto relacional das interações na Web 2.0. E- Compós (Brasília), v.
9, p.1-21, 2007.

ROST, Alejandro. Interatividade: Definições, estudos e tendências. In: CANAVILHAS,
João. Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença. Covilha: Livros
Labcom. 2014.

SANTOS, Luan Correia Cunha. A estética da podosfera brasileira: Os devires e
atualizações de uma comunidade sensível. Revista Brasileira de Iniciação Científica em
Comunicação Social, São Paulo, V. 9, N. 3. Outubro, 2020.

SANTOS, Luan Correia Cunha. **Deglutimos um podcast?** (trans)Territorialidades Amazônicas
como (re)existências nos processos de disputa da podosfera brasileira (Mestrado em
Comunicação Social) Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, 2022a. 156f.

SANTOS, Luan Correia Cunha. Podcast e hibridização: A historicidade do conceito de
podcast em trabalhos de pós-graduação em comunicação no Brasil. Anais do 45
Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom. João Pessoa: UFPB.
2022b.

SANTOS, Luan Correia Cunha; AGUIAR, Lisiane Machado. Podcasting Macunaíma: A
construção de um podcast antropofágico como crítica à Estética da Linguagem Sonora.
In: Anais do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação da Região Norte. Ufam -
Parintins. 2019.

VERÓN, Eliseo. La revolución del acceso. In: VERÓN, Eliseo. La semiosis social 2.
Ideas, momentos, interpretantes. Buenos Aires: Paidós, 2013.

VAN DIJCK, J.; POELL, T.; WALL, M. The Platform Society: public values in a
connective world. Londres: Oxford Press, 2018.